

# **O Ecomuseu do Barroso**

NO CONTEXTO DA NOVA MUSEOLOGIA

Autora: Monika Janotková

**Brno, Novembro de 2004**

## **Agradecimentos**

A autora queria agradecer a todos que contribuíram directa e indirectamente para este trabalho e para esta experiência pessoal, que se revelou excepcional e irrepetível. Gostaria de apresentar o agradecimento especial aos responsáveis do ecomuseu, à Claudia Pignateli da RPM, a acolhedora população da aldeia de Fafião, e ao Miguel Proença pela preciosa ajuda na revisão do texto.

---

## ÍNDICE

### **INTRODUÇÃO 4**

### **A PROBLEMÁTICA DOS ECOMUSEUS 6**

NOVA MUSEOLOGIA E PORTUGAL 9

### **O PROJECTO DO ECOMUSEU DO BARROSO 13**

CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DO TERRITÓRIO 13

O POVO DO BARROSO 14

A VIDA COMUNITÁRIA 14

*A vezeira* 15

*O Boi do Povo* 15

*Outros aspectos da vida comunitária* 16

A CULTURA DO BARROSO 16

### **A EVOLUÇÃO DO PROJECTO 17**

A MISSÃO E ORIENTAÇÃO DO EMB 19

A ESTRUTURA DO MUSEU 21

OUTRAS ACTIVIDADES DO EMB 24

### **CONCLUSÃO 26**

### **BIBLIOGRAFIA 28**

## *Introdução*

A motivação para a escolha do tema da *Ecomuseologia* está relacionada com um grande interesse em tomar contacto com uma área que me era relativamente desconhecida.

Nas minhas estadias em Portugal tive a oportunidade de conhecer a zona do Barroso, situada no Norte do país, uma zona fascinante, tanto pelo modo de vida e hospitalidade dos seus habitantes, assim como pela extraordinária riqueza paisagística.

Durante o meu estágio no âmbito do programa Freemover consegui aprofundar os meus conhecimentos na problemática relacionada com os Ecomuseus. Em particular, estudei detalhadamente o projecto do Ecomuseu do Barroso, projecto este que procuro apresentar neste relatório. Gostaria também de salientar a minha presença no colóquio “Ecomuseus – que perspectivas em Portugal, na Europa” realizado em Abril de 2004 no Seixal. Este colóquio revelou-se especialmente estimulante e motivante no meu percurso em Portugal.

No primeiro capítulo deste relatório é feita uma pequena introdução à problemática dos Ecomuseus – o surgimento no seio do movimento da nova museologia, as suas características básicas e orientação contemporânea.

No capítulo seguinte pretendo esboçar a situação da museologia em Portugal a partir dos meados do século XX, então na época que é caracterizada pela aplicação dos novos conceitos e paradigmas da nova museologia.

A informação contida nos dois primeiros capítulos provém fundamentalmente de várias obras literárias que são referidas na bibliografia.

O terceiro capítulo detalha a génese e evolução do Ecomuseu que se pretende criar na Região do Barroso. Nesta secção do trabalho pretendo abordar, por um lado o ambiente e recursos naturais e culturais da região e, por outro lado, aspectos relacionados com a criação e formação do Ecomuseu do Barroso e o estado presente do projecto. Esta análise será feita com base nas minhas próprias experiências e participação em algumas

actividades ecomuseológicas. É dada também uma relevância especial aos documentos internos deste Ecomuseu.

## *A problemática dos Ecomuseus*

O conceito de *Ecomuseu* é ligado aos novos paradigmas e movimentos no mundo dos museus – A Nova Museologia (New Museology, na terminologia anglo-saxónica). Trata-se de uma corrente museológica que surgiu do descontentamento com a concepção dos museus tradicionais e com o seu modo de trabalho.

No ano de 1972 em Santiago do Chile teve lugar a conferência onde foram formulados e propostos os princípios inovadores pelos quais se deveriam reger os museus. Foram então salientadas a interdisciplinaridade, a correspondência temática com as condições locais, a preservação dos objectos e, especialmente, a necessidade da orientação dos museus ao público.<sup>1</sup> Estabelece-se o conceito de que o museu é inseparável da sociedade e deverá saber reagir às suas mudanças e necessidades.

O 1º Workshop Internacional dos promotores deste novo paradigma realizado no Canadá e designado como “Ecomuseus – a nova museologia” serviu fundamentalmente para a troca de experiências e ideias. A declaração do Quebeque foi apresentada como resultado desse encontro e a realça os factores da cooperação interdisciplinar, da necessidade de intervenção do público nas actividades museológicas, e do aproveitamento dos métodos modernos de comunicação e gestão. Um ano depois, num Workshop realizado em Lisboa foi oficialmente estabelecido o MINOM (Movimento Internacional da Nova Museologia), uma organização afiliada à ICOM.<sup>2</sup> Os simpatizantes deste movimento continuam reflectir a sobre a situação na área da museologia em diversos encontros internacionais e regionais.

A Ecomuseologia surgiu, portanto, como uma variante da nova museologia. O Ecomuseu tenciona estar fora das linhas orientadoras tradicionais dos museus clássicos, dos quais se diferencia por pretender abordar um determinado território todos os seus componentes naturais e culturais. É baseado na cooperação com a comunidade

---

<sup>1</sup> Waidacher, F.: Prírucka všeobecnej muzeologie. Slovenské národné muzeum, Bratislava, 1999, s.80.

Moutinho, M.: *Museus e Sociedade*. Museu Etnológico de Monte Redondo, 1989.

<sup>2</sup> International Council of Museums

local no processo de reconstrução da sua memória colectiva e de afirmação da sua própria identidade. Procura definir a relação entre os habitantes o meio. Diversos Ecomuseus têm sido criados, sobretudo em zonas rurais (muitas vezes com o objectivo de revitalizar a paisagem) ou em zonas caracterizadas por actividade industrial (em muitos casos já desactivada). Trata-se também de um modo de apresentar os fenómenos no seu ambiente autêntico. Este factor sublinha uma diferença fundamental em relação aos museus ao ar livre que, nesta comparação, podem ser vistos como um espaço fechado, de objectos e construções do passado tirados do seu contexto original.<sup>3</sup>

A ideia subjacente aos Ecomuseus surgiu primeiro em Franca, ligado aos nomes de Georges Henri Rivière e Hugues de Varine.<sup>4</sup> O Ecomuseu da comunidade urbana em Le Creusot é considerado, de certa maneira, como um protótipo deste novo tipo de museus. Esta inovadora forma de criar e ver o Museu foi paulatinamente ganhando terreno e, para além da França, surgiram projectos relevantes no Canadá, Itália, Península Ibérica e nos países da Escandinávia.

No entanto, com o passar do tempo e a experiência, concluiu-se que o conceito do Ecomuseu pode ser interpretado de várias maneiras, o que se manifestou pela criação de variantes. Por outro lado, muitos museus funcionando nos princípios do Ecomuseu, não utilizavam esta designação. Estes factores e considerações tornam complicado (e nem sempre evidente) a distinção entre o que pode ser considerado, ou não, como um Ecomuseu.

No sentido de poder responder com clareza a esta questão é necessário sublinhar alguns pontos respeitantes à concepção do Ecomuseu e aos resultados que se pretendem atingir. Os museólogos noruegueses Hamrin e Hulander do Ecomuseu de Bergslagen propõem os seguintes pontos. Assim o Ecomuseu:

- Corresponde a um determinado território.
- Mantém e interpreta os elementos de uma paisagem cultura in-situ. A maioria dos Ecomuseus é baseada na existência de uma sede e em alguns pólos espalhados pelo território possibilitando, desta maneira, uma visão holística do mesmo.

---

<sup>3</sup> Ashworth, G.-Howard, P.: Heritage Site Management – Komparative Case, In: European Heritage Planning and Management, Exeter, 1999, s. 102.

<sup>4</sup> H. de Varine é o autor da palavra *Ecomuseu*

- Mantém e recupera os elementos mais significativos do património local sendo para isso relevante a participação da comunidade local.
- Desperta na comunidade um sentimento de identidade cultural.
- Propõe actividades aos visitantes no sentido da melhor compreensão dos fenómenos através da experiência pessoal.
- Pretende interligar a cultura e o turismo (sendo este factor particularmente relevante nos países escandinavos);
- Conta com a cooperação das autoridades, organizações e associações locais e, eventualmente, de entidades privadas. Os funcionários do Ecomuseu têm apenas o papel de consultores e coordenadores.
- É dependente de actividades de voluntários;
- Emprenha-se em tornar acessíveis locais menos conhecidos e frequentados;
- É orientado ao público escolar e realiza diversos programas educativos.
- Realizam actividades de investigação.
- Demonstra as interligações entre a tecnologia e o homem, a natureza e a cultura, o passado e o presente.

A conferência realizada em Maio deste ano em Trento, Itália revestiu-se de particular significado sobretudo para reformulação e clarificação da definição de Ecomuseu. Deste encontro, que teve a presença de investigadores da Itália, Europa Central e Escandinávia, resultou uma declaração em que se propõe uma definição de Ecomuseu e ainda a criação de uma rede Europeia de Ecomuseus. Um Ecomuseu é definido como um *via dinâmica*, ou seja, uma forma através da qual a comunidade mantém, interpreta e gere o seu património, sob a filosofia do desenvolvimento sustentável. Um Ecomuseu é baseado numa convenção ou acordo comunitário. Nesta conferência foram também destacadas as prioridades que deverão figurar entre as principais preocupações dos coordenadores de Ecomuseus, nomeadamente no que diz respeito à participação da comunidade, ao papel dos Ecomuseus na sociedade, aos serviços prestados, às actividades de desenvolvimento local e a questões relacionadas com a formação.



O projecto da Rede incluirá também as visitas mútuas de Ecomuseus, formação de grupos de trabalho e a apresentação da rede de Ecomuseus na WWW. Para o ano, está planeada a realização do primeiro congresso europeu de Ecomuseus.

### *Nova museologia e Portugal*

No que diz respeito ao pensamento museológico em Portugal, a partir dos anos 60, temos assistido a algumas mudanças essenciais. A fundação da Associação Portuguesa dos Museus (APOM) em 1965 pode ser considerada como um sinal de uma tendência futura. Agrupando especialistas da museologia, esta organização tem como objectivo a divulgação dos conhecimentos nesta área, tendo em vista a importância dos museus na sociedade.<sup>5</sup> As mudanças fundamentais ocorreram após a revolução de 1974 com a implantação do regime democrático. Aparecem nesta altura novas tendências e conceitos relativamente à preservação do património cultural e natural. Neste contexto, convém mencionar a criação do Instituto Português do Património Cultural<sup>6</sup> em 1980 ou ainda as actividades de associações locais de defesa do património, especialmente no decorrer dos anos 70 e 80 do século passado. Nesta altura foi fundado um grande número de museus locais ou temáticos, alguns precisamente inspirados pela abordagem inovadora do movimento da nova museologia, cujos princípios foram positivamente aceites pelas comunidades e seus representantes.

No entanto, é possível constatar que Portugal seguiu as tendências gerais no mundo dos museus. Nos anos 70, surgiu pela primeira vez a ideia da formação de um Ecomuseu, concretamente no Parque Natural da Serra da Estrela. Nessa altura, foram reunidos vários especialistas que contaram com a colaboração do próprio G. H. Rivière, tendo este investigador visitado o parque natural por duas vezes. Foram também contactadas pessoas e entidades locais e até foi mesmo efectuada a primeira fase de aquisições. Apesar disso, o projecto não foi concretizado por falta de interesse do poder decisor.

---

<sup>5</sup> APOM – associação privada com a sede em Lisboa que tem por objectivo a divulgação do conhecimento museológico através da organização de vários encontros, visitas de estudo, conferências ou exposições, e edição de publicações. A APOM também pretende atingir a profissionalização dos funcionários de museus. Para este fim organiza seminários de formação.

<sup>6</sup>ICN – instituto responsável pelas actividades nacionais nos domínios da conservação da natureza e da gestão das áreas protegidas

Os primeiros Ecomuseus portugueses surgiram mais tarde, fruto da cooperação entre habitantes, representantes da comunidade e estudiosos, sobretudo em zonas de modo de vida agrícola ou em zonas em proximidade de uma corrente.

Estes projectos foram desenvolvidos com o fim de preservar e redescobrir o património local, e com a intenção expressa de contribuir para o desenvolvimento da determinada região. Tal museu é compreendido não apenas como o organismo que apresenta uma determinada sociedade e seu património, mas também como o meio para revolver alguns problemas presentes.

Dos museus criados sobre este conceito, mencionaria como o exemplo os seguintes

- *Museu Etnológico de Monte Redondo* – engloba duas freguesias e foi criado em 1981 com o objectivo de melhorar o nível material e cultural da população local. Neste museu é de destacar como inovador o diálogo entre especialistas, autarcas e público que colaboraram em várias actividades, desde a aquisição de objectos à divulgação do museu e suas actividades. As colecções deste museu ilustram as principais actividades económicas da região.
- *Ecomuseu de Alcochete* – iniciou as suas actividades no ano de 1988 em ligação com o museu acima mencionado. A central é dedicada à evolução da população e do território enquanto os pólos apresentam o trabalho dos povos ribeirinhos, agricultura, construção naval e transporte fluvial. Estas secções do museu foram instaladas com o objectivo de manter os fenómenos de maior relevo da cultura local. Nos últimos anos foi apresentado um pólo dedicado à temática da arte sacra.
- *Museu Municipal de Portimão* – estende-se na bacia do rio Arade, no Sul de Portugal. O nascimento deste museu está ligado à tarefa do auxílio na resolução dos problemas de poluição do Arade e do património industrial abandonado. Nesta zona foram também iniciados trabalhos de arqueologia subaquática.
- *Ecomuseu de Seixal (EMS)* – é certamente o mais conhecido dos Ecomuseus em Portugal, funciona desde 1983 e assenta na proximidade da foz do Tejo. Durante duas décadas o Ecomuseu serviu de estrutura para a documentação e investigação do património cultural - para a sua preservação, assim como para diversas actividades secundárias. De acordo com as palavras da directora actual, o EMS empenha-se na construção e transmissão da memória colectiva bem

assim como na valorização global do seu território sob a filosofia do desenvolvimento sustentável.<sup>7</sup>

Na perspectiva dos desenvolvimento deste movimento, provavelmente o acontecimento mais importante nos anos 80 do século XX foi a constituição da organização internacional MINOM em 1985 em Lisboa (enquadrada no segundo workshop dos promotores da nova museologia). Têm-se seguido diversos encontros regionais, de periodicidade anual, dos simpatizantes portugueses deste novo movimento.

Outra iniciativa que merece ser mencionada, é o esforço desenvolvido pela criação dos chamados *museus de interpretação da paisagem* nas áreas protegidas. Esta ideia foi-se formando já nos anos 80 mas foi nos anos 90 que ganhou uma forma concreta.

Os principais estímulos e propostas da criação de museus de zonas adequadas tiveram origem no arquitecto paisagista Fernando Pessoa, em colaboração com o Instituto do Conservação da Natureza (ICN) e, pontualmente, com outras entidades. Segundo a concepção proposta, tal museu, interpretando uma paisagem, representaria o depósito dos valores naturais e culturais, servindo de instrumento para „expor“ a história e o modo de vida de uma zona e, por outro lado, contribuiria também para a animação cultural. A estrutura museológica, composta por duas componentes - museu do tempo e museu do espaço - ou seja, por uma central e por pólos situados no território, seria competência do serviço responsável pela Área Protegida. No entanto, o intento de implantação de tal rede ecomuseológica não foi concretizado.<sup>8</sup>

Geralmente, é possível constatar que a museologia portuguesa contemporânea segue, em termos ideológicos, os princípios anteriormente referidos, ou seja, a filosofia e práticas da nova museologia realçando, em primeiro lugar, a função social dos museus. Ao mesmo tempo, considera-se necessário profissionalizar o trabalho museológico, cumprindo as principais funções de maneira responsável. Tem sido feito um apelo a um melhor cuidado com as colecções e com a sua valorização. Do mesmo modo, tem sido realçada a importância da comunicação com o público. Estas preocupações reflectem-se na versão da nova lei dos museus, aprovada em Julho deste ano.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> Filipe, G.: Ecomuseu – para além da palavra, reflecte sobre os princípios e a acção museológica. In: Ecomuseu Informação, Ecomuseu Municipal do Seixal, n° 31, Seixal 2004, p.7,8.

<sup>8</sup> Pessoa, F.S.: Sistema museológico para as Áreas Protegidas do ICN, In: Reflexões sobre ecomuseologia, 1.ed. Porto, Edições Afrontamento 2001.

<sup>9</sup> Mais em Duarte, T.: Rigor e boas práticas. Jornal de Notícias, 31.4.2004, p.12-13.

Em Agosto 2000 iniciou suas actividades um órgão designado como *Rede Portuguesa dos Museus* (RPM), cuja prioridade central é alargar a comunicação e cooperação entre os museus portugueses e contribuir para a qualidade das actividades museológicas.<sup>10</sup> Os museus podem solicitar a sua adesão á RPM, sendo considerados estes parâmetros:

- Cumprimento da função social do museu;
- Preservação e valorização das colecções e dos acervos;
- Sustentabilidade do museu (aspecto pessoal e financeiro);

Às candidaturas é prestado apoio financeiro e técnico, no âmbito de vários programas.

No que diz respeito à problemática dos Ecomuseus, podemos registrar quer os novos projectos quer a continuação dos iniciados anteriormente. Para ser feito um balanço e, ao mesmo tempo, proporcionar uma troca de experiências nesta área, foi realizado em Abril deste ano o colóquio „Ecomuseus – que perspectivas em Portugal, na Europa“, coordenado pelo Ecomuseu de Seixal. Este colóquio pretendia não só celebrar o 20º aniversário do EMS, mas também a revolução de Abril 1974 que trouxe as condições para a renovação e expansão museológica em Portugal. Entre os palestrantes figuraram dois convidados de França – Alexandre Delarge que apresentou o Ecomusé de Fresnes, e Hugues de Varine que tentou resumir as características da museologia comunitária apontando assim para especificidade de cada território e a utilização de uma linguagem adequada à sua interpretação.<sup>11</sup> Uma parte do colóquio foi reservada à apresentação de projectos recentes, incluindo o do Ecomuseu do Barroso, ao qual dedicarei a parte seguinte deste trabalho.

---

<sup>10</sup> RPM é fundada como um órgão afiliado do Instituto Português dos Museus que funciona a partir dos anos 90 e engloba 29 museus do maior interesse e os quais também apoia técnica e financeiramente.

<sup>11</sup> H. de Varine – o antigo director do ICOM, consultor de desenvolvimento local; colaborou em vários projectos em Portugal. Suas reflexões sobre o movimento da nova museologia em Portugal forma publicada no artigo: H. de Varine: Testemunhos sobre alguns museus e museólogos locais, antes da Rede, In: Boletim trimestral da RPM, Lisboa 2003, p. 12-15.

## *O projecto do Ecomuseu do Barroso*

### *Características básicas do território*

O ponto de partida para a constituição de um Ecomuseu é o conhecimento dos aspectos mais relevantes relacionados com um determinado território e a sua formação.

A abrangência territorial do Ecomuseu analisado neste trabalho limita-se à região do Barroso, situada na província de Trás-os-Montes no Nordeste de Portugal. Corresponde aproximadamente ao concelho de Montalegre, com sede na vila do mesmo nome.

Em termos geográficos, trata-se de uma paisagem fundamentalmente montanhosa ladeada pelas serras do Larouco, Barroso e Gerês. Esta última faz parte do Parque Nacional da Peneda-Gerês (PN-PG), conhecido pela extraordinária riqueza natural e paisagística com espécies únicas de fauna e flora.

O panorama natural é completado por vales profundos, fontes, rios, lagos e, nas últimas décadas, barragens e albufeiras. De grande valor ecológico deverão referir-se vários locais, nomeadamente o Mato do Avelar, as cascatas e piscinas naturais no rio Fafião ou turfeiras na Serra de Larouco.

A povoação deste território remonta à idade da pedra. No entanto, os vestígios pré-históricos mais significativos correspondem à cultura castreja ibero-céltica. Posteriormente, vários povos deixaram as suas marcas: romanos, diversos povos germânicos, e árabes. Montalegre deriva o seu nome de *Alegre Monte* – foi povoado castrejo, mais tarde romanizado. O castelo, dominando o vale do Cávado, data provavelmente do início da nacionalidade. Após a reconquista cristã, com a implantação de Portugal como estado independente em 1140 apareceram os primeiros senhores e cresceram em número as casas senhoriais. Surge também um desenvolvimento da arquitectura religiosa, com o aparecimento de inúmeras Igrejas. Em 9 de Junho de 1273, foi oficialmente constituída a vila de Montalegre, por foral de D. Afonso III. Em 1515, no reinado de D. Manuel I é confirmado este estatuto com novo foral, oferecendo a Montalegre mais privilégios. O bravo povo do Barroso ficou famoso por ter enfrentado o exército francês no início do século XIX, durante as guerras peninsulares.

No século XX ocorreram uma série de mudanças que tiveram um enorme impacto nesta região. Por um lado, o abandono paulatino do modo de vida tradicional. Por outro lado, um forte fluxo de emigração a partir dos anos 60 provocou a desertificação da região, com uma redução muito significativa da população, sobretudo de homens e jovens. Este fenómeno causou um envelhecimento progressivo da população e uma quebra abrupta na estrutura demográfica, com uma diminuição radical na taxa de natalidade. Finalmente, assistiu-se a uma penetração progressiva do sector terciário, e ao encerramento das históricas minas da Borralha. Apesar de todos estes factores, permanecem ainda actividades agro-pecuárias essencialmente de subsistência, reflectindo o extraordinário apego da gente do Barroso à sua terra e aos animais que cria. Nas aldeias montanhosas o trabalho centra-se na pecuária, com a criação de diverso tipo de gado. Recentemente, a criação de gado leiteiro em regiões de clima mais ameno contribui também para a economia da região. Alguns tipos de produtos, nomeadamente a carne do Barroso e o fumeiro, têm vindo a ganhar uma certa relevância a nível regional e mesmo nacional, ajudando o desenvolvimento económico e a fixação das populações.

As actividades de lazer ligadas ao turismo, aproveitando o potencial da região, têm vindo a ter um aumento gradual, mas significativo. O Barroso pode, deste ponto de vista, para os monumentos relevantes, entre os quais merecem destaque o Castelo de Montalegre, a Igreja de São Vicente da Chã, o Castro de Pedrário, o trecho da Via Romana com treze marcos miliários etc.

### ***O povo do Barroso***

As aldeias do Barroso são cinzentas, em granito tosco e constituídas em volta de uma igreja ou de um cruzeiro. Muitas são edificadas em locais altos, nos locais onde se erguiam e se defendiam os castros celtas. Outras, surgiram nos vales em tempos de paz, onde a terra é mais fértil e a vida mais fácil. Muitas preservam a sua tipicidade, outras revelam o desenvolvimento (por vezes sem regra) da modernidade.

### ***A vida comunitária***

O Barroso e o seu povo manteve ao longo dos séculos uma individualidade e singularidade determinada pelas condições geográficas e em simbiose com o meio ambiente. Característico é o modo de vida agro-pastoril, regulado pelos princípios

comunitários. Neste caso, estamos perante um sistema sócio-económico baseado tanto na entreatajuda durante os trabalhos sazonais, como na comunhão de bens e utilização de certos imóveis, funcionando á base dos direitos e deveres estabelecidos por uma comunidade. Um das principais componentes da vida comunitária são os terrenos baldios, ou seja, os cuidados com eles e o seu usufruto – a exploração da madeira e a sua utilização para o pastoreio do gado.

### **A vezeira**

Outro fenómeno, designado por vezeira consiste no agrupamento do gado de vários proprietários nos meses de verão para ser assegurado o pastoreio colectivo e seguro na serra. Com este sistema está relacionado um sistema rotativo de participação de cada proprietário; cada um cuida do rebanho proporcionalmente ao número de cabeças nele incluídas.

### **O Boi do Povo.**

Miguel Torga definiu-o como uma “divindade de cornos e testículos”. Manuel Dias refere que

“Trata-se aqui de uma tradição de raiz ancestral, em que o boi surgia como protagonista e, mais do que isso, símbolo mitificado de um capital identitário da terra Barrosã, enquanto elemento agregador da vivência comunitária. Resgatado à natureza e afeiçoado à vida em cativo, o possante animal tornar-se-ia peça fulcral de uma precária economia rural baseada na actividade agro-pastoril das gentes serranas.”<sup>12</sup>

O Boi do Povo é assim uma das mais características representações da vida comunitária do Barroso. É o Boi do Povo, respeitado e tratado em condições quase luxuosas por um dos moradores (o que oferecesse as melhores condições), que defende a honra dos povoados nas famosas “chegas de bois” onde a força de cada aldeia é medida pela coragem e bravura deste animal. Nas lutas contra o representante de outra aldeia, centenas de espectadores apoiavam e incitavam o seu animal favorito. Hoje em dia o povo já não acompanha o “seu” boi à chega – eles são propriedade privada e viajam de camião. No entanto, as chegadas continuam a ser uma das actividades mais populares nas terras do Barroso.

---

<sup>12</sup> Manuel Dias, „Montalegre, Terras do Barroso“, Editado pela Câmara Municipal de Montalegre, Junho 2002.

### **Outros aspectos da vida comunitária**

O inteligente e bem concebido sistema de regadio dos terrenos privados das aldeias consiste na derivação das fontes de água através de canais, seguindo regras de distribuição ancestrais e bem definidas. Também em comum eram utilizados e mantidos os chamados fornos do povo, edifícios extraordinários de arquitectura popular, que tinham também a função de local de encontro e conversa nos frios meses de inverno. Também eram partilhados outras estruturas tais como lagares de azeite, serrações, eiras, etc. Em algumas aldeias encontramos vestígios dos chamados “fojos do lobo”. Um fojo do lobo consiste numa construção em pedra de diversas formas e dimensões que, num terreno inclinado, conduziria o detestado animal até uma armadilha de que não poderia escapar.

É também necessário referir a especial solidariedade dentro da comunidade e a entreatajuda recíproca dos habitantes no desempenho dos trabalhos tradicionais – sega do feno, segada e malhada dos cereais, carroto de lenha e outros.

### ***A Cultura do Barroso***

No tocante ao perfil cultural e religioso da região, este projecta-se por exemplo na organização de feiras temáticas, de numerosas festa de aldeia (a maior parte com raízes pagãs, prevalectes ao carácter religioso) ou na presença de diversos costumes e rituais ancestrais, com evidentes raízes célticas. O evento de realce, realizado há mais que dez anos, é o congresso da medicina popular em Vilar de Perdizes, sendo a pessoa central na sua organização o padre-etnógrafo Lourenço Fontes. Este congresso pretende homenagear sobretudo as mulheres do Barroso (por vezes pejorativamente designadas por “bruxas”) que mantêm vivas as tradições ancestrais e a ligação mística entre o homem e a terra.

Neste congresso, para o qual têm vindo a ser convidados participantes estrangeiros, são apresentados produtos biológicos locais e salientados os métodos da medicina tradicional. Outro acontecimento de nomeada é a feira de fumeiro, realizada no mês de Janeiro, muito importante para os produtores e que atrai milhares de visitantes de todo o país. Nesta feira são apresentadas também algumas actividades de carácter popular, sendo a mais apreciada a já referida “Chega dos bois” onde se repete a tradição milenar da luta entre os “Bois do povo”.



## *A evolução do projecto*

As primeiras tentativas de implantação no Barroso de um Ecomuseu sob os moldes propostos por G. H. Rivière para os parques naturais não tiveram sucesso, apesar de alguns esforços desenvolvidos nesse sentido.

No âmbito do projecto „*Museologia nas áreas protegidas*“ patrocinado pelo ICN nos inícios dos anos 90 foi elaborada, para além das outras, a proposta do futuro Ecomuseu na zona do Barroso pertencente ao Parque Nacional da Peneda Gerês (PN-PG). Este empenho foi ganhando forma, e foi apresentado um estudo com a estrutura pormenorizada, conceptualizado pela ideia do *museu do tempo e do espaço*.

Em 1992 António Baptista (arqueólogo e técnico do PN-PG) elaborou o documento que propôs o alargamento territorial do projecto do Ecomuseu do Barroso, à área entre a fronteira com a Galiza e o Rio Cávado. No jornal local „Povo do Barroso“ é publicado no ano seguinte um artigo intitulado „Ecomuseu do Barroso“ que refere os princípios orientadores das actividades ecomuseológicas, referindo os aspectos principais do projecto referido.

Na altura propõe-se a criação da central do museu na aldeia tradicional de Travassos do Rio, sob a forma de um posto de informação e interpretação onde possa também ser retratada a complexa história da região.

Para o melhor conhecimento do território deveriam ser aproveitados e recuperados se necessário, diversos itens museológicos, designadamente edifícios, objectos e locais interpretados. Estes itens seriam divididos, segundo A. Baptista, em *conjuntos em utilização* (moinhos, sistemas de regadio, fornos, construções de arquitectura tradicional, objectos religiosos outros) e *conjuntos fora de uso* (lagares de azeite, fojos do lobo, os monumentos arqueológicos, históricos etc.). Ao descobrir a paisagem os visitantes serão dirigidos através de trilhos temáticos.

O arquitecto paisagístico Fernando Pessoa, promotor dos Ecomuseus nas áreas protegidas de Portugal, reformulou ligeiramente a visão anterior de A. Baptista,

salientando o facto de que o Ecomuseu do Barroso poderia e deveria ser um projecto ambicioso. No entanto, estas tentativas iniciais não foram concretizadas.

Só no ano de 2000, com o estímulo e apoio da Câmara Municipal de Montalegre, foram retomadas as ideias centrais do projecto anterior e anunciada a extensão a todo o território do Barroso. Por iniciativa da CMM foi elaborado um estudo pormenorizado pela empresa Quaternaire em estreita colaboração com Hugues de Varine, um reconhecido especialista na problemática do desenvolvimento local.

Nessa altura foi analisada a situação actual da região e elaborado o projecto do Ecomuseu do Barroso. Este projecto apresenta a sua missão, as temáticas, os actores, o modelo de organização e custos previstos, bem assim como o programa para o período entre 2001 e 2004. Por outro lado, este projecto salienta o facto de que a implantação do Ecomuseu deveria contribuir no processo de recuperação e reanimação de muitas localidades e da sua vida social. Destaca também a importância do aproveitamento do potencial local (por exemplo, nos produtos tradicionais de qualidade), do envolvimento da população em todas as fases do projecto e, inevitavelmente, a participação de todos os actores e agentes económicos da região.<sup>13</sup> A concepção do Ecomuseu abrange ainda a protecção dos sistemas ecológicos, a valorização do património, a recuperação do saber e do fazer tradicional e o reforço da identidade comunal.

Esta estratégia deveria resultar, por um lado, na abertura e alargamento do mercado (turismo, comercialização de produtos locais) e, por outro lado, na criação de emprego. O Ecomuseu do Barroso deveria assim representar uma âncora no processo de desenvolvimento sustentável do concelho de Montalegre.

Seguidamente foi formada uma equipa de trabalho que deu os primeiros passos para a constituição do EMB. Em termos do modelo de organização, o EMB faz parte da secção sociocultural da CMM e a equipa é composta por um responsável, um antropólogo e dois especialistas. Foi também estabelecido um protocolo de cooperação com a Universidade de Trás-os-Montes, através da realização de estágios de fim de curso onde se investigam diversos fenómenos relativos ao território. No corrente ano foi também iniciada a colaboração com uma escola local orientada ao turismo.

---

<sup>13</sup> Estudo de concepção e de programação do Ecomuseu do Barroso, Quaternaire Portugal, 2001, p.29-32.

No entanto, as condições de trabalho no EMB ainda estão longe de ser ideais; os funcionários têm apenas à sua disposição em pequeno escritório provisório em Montalegre. Por outro lado, existem algumas lacunas em termos de equipamento técnico, especialmente a nível de recursos para trabalho de campo.

No que diz respeito ao aspecto financeiro, o Ecomuseu é custeado maioritariamente pela CMM com apoio de fundos da União Europeia em forma de bolsas.<sup>14</sup> Por enquanto, o Ecomuseu não conta com apoio financeiro ou técnico por parte da Rede Portuguesa de Museus, pois não cumpre as exigências básicas para a adesão como, designadamente a existência de um orçamento e edifício próprio, ou a realização de funções museológicas.

Neste contexto, é importante referir a cooperação com diversos parceiros locais, um elemento importante sob o qual são baseados os Ecomuseus. Os parceiros locais do EMB são as Juntas de Freguesia, escolas, a Biblioteca Municipal de Montalegre, associações locais, empresas, artesões tradicionais, etc. A nível regional, foram estabelecidos protocolos de cooperação com a Comissão Regional de Turismo do alto Tâmega, com o PN-PG e com Universidades do Norte de Portugal.

Finalmente é necessário mencionar a constituição em 2002 de uma Comissão Local para o Património e Ecomuseu (como órgão consultivo), composta predominantemente por representantes locais ou por pessoas com forte ligação a este território. A intenção da comissão é, não só o acompanhamento da evolução do projecto do EMB, mas também o incentivo no seio da população do interesse pelo património cultural e natural da região, bem assim como pelas actividades do Ecomuseu. São efectuados encontros regulares da comissão dedicados à reflexão sobre a situação do Ecomuseu bem assim como à apresentação de propostas para a resolução de questões relevantes.

### ***A missão e orientação do EMB***

A equipa de trabalho do EMB partiu das ideias centrais de projectos anteriores e de algumas propostas do estudo realizado pela *Quaternaire*. Assim, foram definidas as tarefas fundamentais do EMB que são a pesquisa, recolha, preservação e divulgação do património cultural e natural da região, tendo por eixo a trilogia *território – património/coleção – comunidade*. O objectivo desde início é criar uma estrutura

---

<sup>14</sup> por ex. ERDF – Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional. A probabilidade de obter o apoio financeiro é aumentada em projectos comuns do EMB e parceiros da Galiza.

museológica constituída por uma central, pólos e sítios interpretados na paisagem. A equipa do museu deverá coordenar diversas actividades anuais na região. A participação dos habitantes locais é uma das prioridades na formação do BEM, sendo que todas as iniciativas são dirigidas à população.<sup>15</sup>

A disciplina nuclear que alicerça a investigação e o carácter das colecções é a antropologia. Foi iniciada uma investigação sistemática e uma documentação do património arquitectónico, tendo em vista a salvaguarda e valorização das construções seleccionadas pelo seu particular interesse patrimonial. É dada uma importância especial a construções técnicas (moinhos, lagares, fornos, canastros, etc.) que fazem parte da cultura local e do meio. Neste momento, a maior parte destas instalações encontram-se fora de uso, encontrando-se num processo de manifesta degradação.

No caso de objectos móveis, deverão ser adquiridos em especial os artefactos relacionados com a vida agro-pastoril, contrabando ou ainda com as actividades mineiras.<sup>16</sup> Também é importante realçar a necessidade de obter registos do património imaterial.

Outras disciplinas aplicadas neste Ecomuseu são as ciências de natureza, a arqueologia ou a história de arte. A intervenção nestas áreas é baseada na cooperação com especialistas em cooperação ou na realização de projectos de interesse. É relevante salientar o interesse de várias entidades na realização de projectos:

- A Universidade de Santiago de Compostela na investigação do património natural do Barroso.
- O biólogo Francisco Álvaro concretiza um projecto nesta área, apontando para a importância da recuperação das turfeiras da Serra de Larouco, da criação da reserva ecológica do Mato de Avelar, incluindo um inventário da capa florestal e um trilho temático. Propõe também a construção de um observatório de aves na barragem de Pisões e apela à edição de materiais de divulgação, por exemplo, um folheto informativo sobre as áreas protegidas do Barroso ou de um livro sobre a riqueza natural da região.

---

<sup>15</sup> Documento Fundador, Ecomuseu do Barroso, Montalegre, 2003, p.3,4.

<sup>16</sup> Para já não é realizada a aquisição sistemática de artefactos móveis por não estar disponível espaço depositário. No entanto, é necessário mencionar que a CMM adquiriu uma colecção das moedas romanas.

- O departamento arqueológico da Universidade do Minho trabalha na reconstrução da via romana Via Prima, em particular o trecho que atravessa o território do Barroso.

### *A estrutura do museu*

Devido ao alargamento territorial deste projecto, foi decidido que a central do EMB será localizada na vila de Montalegre, na zona histórica junto ao castelo. Foi aprovado um projecto arquitectónico que pretende manter as estruturas existentes e reconstruir e adaptar os edifícios de tal modo que todo o complexo seja conveniente aos fins museológicos. Actualmente está a ser realizada a primeira fase de obras. Nesta central estarão localizados o centro de informação e documentação, salas de exposições, uma sala pedagógica e multifunções, escritórios, etc. Para fins depositários será adaptado um edifício conhecido como Açougue, que dista apenas alguns metros do complexo central, sendo apenas necessário atravessar a rua para o poder visitar.

Esta unidade museológica representará o ponto de partida onde o visitante poderá obter as informações básicas sobre o EMB e as suas actividades. As exposições deverão centrar-se sobre a evolução histórica da região e sobre as características principais da região. Os visitantes deverão ser motivados e encaminhados para visitas dos pólos ou sítios interpretados do território.

Neste momento da sua formação, o Ecomuseu do Barroso oferece aos visitantes as seguintes possibilidades de visita:

- **Fojo do Avelar** – sítio interpretado próximo da cidade de Montalegre. Trata-se de uma construção fora de uso que antigamente era destinada a armadilha de lobos. O fojo foi recentemente reconstruído e, para explicar o fenómeno, foi colocado um painel explicativo.
- **Paredes do Rio** – a aldeia onde, por iniciativa dos habitantes e da Associação cultural local, foi renovado o forno do povo (ainda em plena função e utilização pelos locais). O complexo hidráulico constitui uma grande raridade e é composto por um moinho, dínamo, serra e pisão.<sup>17</sup> Este conjunto foi comprado pelo PN-PG e por ele é também gerido e cuidado Para ter acesso a este

---

<sup>17</sup> O pisão é um mecanismo destinado a tornar a estrutura de um tecido mais firme e estável.

complexo é necessário que o visitante se dirija a um habitante responsável da aldeia. Em Paredes do Rio podemos também encontrar um conjunto de aproximadamente trinta canastros tradicionais e sete moinhos propulsados pelo mesmo curso de água.

- **Centro Experimental da Quinta de Veiga** – neste lugar é possível visitar uma exposição dedicada às alfaias agrícolas e à cultura do trigo. Este centro foi fundado a partir do estímulo da Secção sociocultural da CMM, dos funcionários do EMB e dos responsáveis do próprio Centro. Trata-se de um espaço de uma quinta que, para além do mais, será aproveitado como depositário das alfaias agrícolas de maiores dimensões.

Elaborados, aprovados e em fase de preparação encontram-se os projectos de pólos em:

- **Tourém** – aldeia situada na fronteira onde será adaptada aos fins museológicos a antiga corte do boi. Precisamente neste pólo será tratada a temática do *Boi do Povo*, um elemento muito importante na vida tradicional do Barroso. Outras problemáticas, que aqui serão apresentadas, são a do *Couto Misto* e a do contrabando, tão características a Tourém e a toda zona fronteiriça. Pretende-se também a criação de um trilho focado no sistema do regadio e no aproveitamento da água.
- **Pitões das Júnias** – o pólo, também baseado na reabilitação e adaptação da corte do boi, será dedicado à etnografia local, em concreto, às formas da agricultura de montanha, ao pastoreio, às técnicas de tecelagem e ao processo do fabrico do pão. Está prevista a renovação do forno do povo e de um moinho, ambos situados em proximidade da corte. É preciso mencionar que estas instalações comunitárias são ainda mantidas em actividade. Não deverá ser omitida a referência ao extraordinário mosteiro medieval que se localiza numa vale perto da aldeia. Este pólo contará também com um pequeno auditório para cerca de trinta pessoas e uma loja de produtos locais (capas de lã, meias, mel, chá, licores, etc.).
- **Casa do Capitão** – esta é a designação do edifício e do centro cultural em Salto no qual serão apresentados temas relacionados com a zona do Baixo Barroso. Na Casa devirão ser apresentados os projectos do Ecomuseu do Barroso, o programa de selecção e as suas unidades museológicas. Nas salas de exposições

surgirá a temática do traje tradicional, dos ofícios – ferreiro, carpinteiro, canteiro - e da cozinha regional. Um destaque especial será dado ao pisão de Tabuadela. Uma biblioteca, oficinas e uma sala multimédia também farão parte integrante deste centro cultural. O objectivo do projecto é dar estímulo à população local no sentido da manutenção do seu património como factor de desenvolvimento económico e social.

O EMB tem também algum interesse na elaboração de um projecto que conduza à criação de um pólo nas minas da Borralha, há muitos anos desactivadas. Este pólo tem como principal objectivo a constituição de um complexo relevante a nível do património industrial. Já foi iniciada a cooperação com um ex-funcionário das minas que durante as décadas colecionava objectos ligados tanto às actividades mineiras como à vida da comunidade local. Quando forem garantidas condições adequadas da segurança, este proprietário oferecerá a sua colecção para fins museológicos.

Está a ser discutida a criação de outro pólo a aldeia de Fafião onde ainda deparamos com muitas actividades realizadas na base dos princípios comunitários. O tem central desta secção deverá ser o sistema de pastoreio do gado – a *vezeira*. Neste contexto surge a possibilidade de construir um trilho temático que leve os pedestres a cabanas de pastores seleccionadas. Em Fafião encontramos um lagar de azeite, hoje já fora de uso e em estado de degradação. Este mesmo poderia ser adaptado a fins museológicos. É importante realçar que a população local apoia e aprecia a criação de tal pólo ecomuseológico na sua aldeia.

Para além do que já foi referido, no concelho de Montalegre há algumas salas de exposições com colecções etnográficas. A equipa do trabalho do EMB fez uma análise destes „museus“ localizados nos espaços das Juntas de Freguesia, paróquias ou associações locais. Neste estudo chegou-se à conclusão de que, nestes casos, não são cumpridas as funções básicas de um museu. Exemplos relevantes são os do denominado *Museu Etnográfico de Vilar de Perdizes* ou dos museus paroquiais em Viade e São Vicente, nos quais falta documentação referente aos objectos recolhidos, regime depositário ou qualquer sistematização da colecção.

Referência positiva é feita ao trabalho do *Grupo Folclórico da Venda Nova* que constituiu uma colecção que corresponde às práticas museológicas e cujo resultado é uma exposição de peças de vestuário e de objectos relacionados com o ciclo da lã.

A equipa do Ecomuseu está sempre disponível para analisar os problemas destes pequenos museus e colaborar com as entidades responsáveis, no sentido de serem asseguradas as principais exigências museológicas.

No último ano podemos também registrar o empenho de alguns habitantes locais de várias partes da região em constituir colecções próprias, etnograficamente orientadas. Estes esforços podem ser vistos como um resultado do processo da consciencialização do valor do património, o qual gostariam de apresentar por intermédio de uma pequena e simples exposição.

### ***Outras actividades do EMB***

O Ecomuseu não enjeita o seu papel educativo que será projectado na realização de várias actividades designadamente, cooperação com escolas, funcionamento de ateliers pedagógicos ou a divulgação de material didáctico.

O EMB iniciou a sua colaboração com as escolas básicas do concelho e em conjunto realiza visitas guiadas às aldeias e a outros locais de interesse. Estas visitas deverão funcionar em pleno no momento em que será completada toda a estrutura museológica.

Relativamente à actividade editorial, está planeada uma edição regular de um boletim, inspirado no Ecomuseu do Seixal. Actualmente procura-se obter apoio financeiro para a realização de um filme sobre a vezeira das vacas em Fafião e sobre a festa de São João de Fraga. Em análise está também a preparação de um livro sobre os fojos do Lobo, sobre a antologia das chegas de bois e ainda de um folheto sobre ervas aromáticas.

O EMB já participou na elaboração de um livro „O Falar do Barroso“ que se refere ao falar específico do povo do Barroso. No âmbito do EMB foi ainda editado um folheto informativo em forma de mapa, incluindo as componentes de interesse natural e cultural. O visitante já tem à sua disposição folhetos informativos sobre determinados trilhos temáticos.

O EMB coordena e apoia várias actividades e eventos na região sendo que a maioria reflecte aspectos sociais da vida tradicional. Em alguns casos trata-se de fenómenos etnográficos originais e outros apenas na sua forma folclorizada. No presente ano o EMB coordenou e apoiou os seguintes eventos:

- *O Cantar de Reis* em Covelães



- O *Entrudo de Tourém*, juntamente com o PN-PG e a Junta de Freguesia. Neste evento, a comunidade local organiza um cortejo etnográfico e uma merenda. O Entrudo trata-se de um fenómeno ancestral pré-romano que está na origem da tradição do Carnaval.
- A *Queima do Judas*, outro evento interessante que, hoje em dia, ocorre sob a forma de concurso. Os participantes são rapazes de várias aldeias que competem pelo melhor boneco do “Judas”, apresentando as suas “obras” numa praça em Montalegre.
- Jogos Populares, no primeiro dia de Julho, evento realizado especialmente para crianças.
- *Festa da Malhada* em Paredes - o acontecimento mais significativo no âmbito do EMB. Este evento surgiu da iniciativa local e realiza-se no segundo fim de semana de Agosto, com o contributo da Junta de Freguesia, da Associação Cultural local e do PN-PG. Durante dois dias, acompanhados por música, comida e bebida, os habitantes de Paredes demonstram como antigamente se segava e malhava o milho. A “Rota dos Artesões” faz parte da festa. O visitante pode observar os artistas locais que demonstram a sua profissão e também participar no processo de fabrico. Alguns dos produtos artesanais são colocados à venda. Em Novembro, nesta mesma aldeia, procede-se à tradicional matança do porco, o que atrai sempre turistas e visitantes.

O EMB também patrocina e organiza actividades de carácter não antropológico, sobretudo a organização de passeios pedestres. Neste ano, pela primeira vez, o Ecomuseu organizou um jantar cultural. Os interessados puderam apreciar a culinária tradicional num restaurante em Montalegre e assistir à apresentação de uma palestra de um funcionário do EMB sobre o território do Couto Misto e sobre o fenómeno do contrabando. No final da sessão foram leiloados alguns objectos relacionados com o tema proposto.

No sentido de potenciar as excepcionais características da região em termos de turismo, este ano o Ecomuseu tenciona promover os seus conjuntos museológicos, salientando a oferta cultural de qualidade e as possibilidades de recreio.

## *Conclusão*

Um Ecomuseu pode ser considerado como uma estrutura interligada, baseado num mecanismo de relações mútuas. Ele aborda a área social e o domínio ecológico, e é entendido como um instrumento de desenvolvimento sustentável. Um organismo deste tipo é criado e gerido por representantes do poder público, em estreito contacto com a população local, que dele pode usufruir.

Esta forma museológica tem cerca de meio século de existência e encontra-se hoje espalhada por quase todo o mundo. Em Portugal, assistimos ao seu desenvolvimento a partir do anos 80 do século passado, sempre integrado no contexto do movimento da nova museologia e baseado nos seus princípios. A rede Ecomuseológica está sendo alargada e, conseqüentemente, têm vindo a surgir diversos projectos, entre os quais figura o Ecomuseu do Barroso, no norte de Portugal e referido neste trabalho.

A prioridade deste Ecomuseu é contribuir para um desenvolvimento harmonioso e regrado da região, fomentar a animação cultural e promover fixação das populações, sobretudo de jovens. Naturalmente, os próximos anos revelarão a capacidade do EMB em cumprir o seu papel neste contexto. Por enquanto, deveremos pensar em determinados factores que poderão contribuir para o sucesso desta tão importante missão:

- O Ecomuseu deverá procurar melhorar a dinâmica da gestão, acelerando o processo da tomada de decisões.
- É indispensável manter a cooperação estreita com as populações locais, bem assim como com as entidades oficiais e associações de carácter sociocultural.
- É também essencial que a prática legislativa moderna não entre em choque com as práticas tradicionais da vida agro-pastoril. Os representantes do poder público deverão estar atentos às reais necessidades e aspirações da população local.
- Um Ecomuseu deste tipo está, necessariamente, dependente de recursos financeiros exteriores. Assim, o EMB empenhar-se-á na adesão à Rede

Portuguesa de Museus para poder se candidatar a um maior apoio financeiro e técnico, indispensável para a realização dos projectos que se propõe.

Para finalizar, gostaria de oferecer a minha opinião pessoal, formada pelo contacto directo e enriquecedor com as populações locais e também com os responsáveis do Ecomuseu. Aos meus olhos, este projecto do Ecomuseu do Barroso é uma aposta séria, válida e autêntica na valorização do potencial de uma região de características únicas em Portugal e na Europa. É talvez uma oportunidade única de estabelecer firmemente a necessidade de não deixar morrer a memória colectiva de um povo singular e de, por outro lado, proporcionar um estímulo franco e eficaz à auto-estima de uma região e das suas gentes.

## ***Bibliografia***

*Documento Fundador*, Ecomuseu do Barroso, Montalegre 2003.

*Estudo de Conceção e de Programação do Ecomuseu do Barroso*, Quaternaire Portugal, vol.1, 2001.

OLIVEIRA, P. et. al. : *Projecto de Execução de Arquitectura*, CMM, Montalegre 2003.

*Declaration of Intent*, Trent, (cit. 2004-08-24), acessível de:

<http://www.osservatorioecomusei.net/ENGLISH/PDF/intenti.pdf>

ASHWORTH, G. – HOWARD, P.: *European Heritage Planning and Management*, Exeter 1999.

COSTA, J. G. da: *Montalegre e Terras do Barroso – notas históricas sobre Montalegre, freguesias de concelho e região de Barroso*, ed. da CMM, Montalegre 1987.

DAVIS, P.: *Ecomuseum. A sense of place*. Leicester University Press, London 1999.

DIAS, M. : *Montalegre, Terras de Barroso*, Ed. Câmara Municipal de Montalegre, 2002.

DOLÁK, J.: *Nová muzeologie a ekomuzeologie*. Vestník AMG, c. 1, AMG 2004, p.11-16.

DUARTE, R.: *Rigor e boas práticas*, *Jornal de Notícias*, 31.4. 2004, p.12,13.

FILIPE, G.: *Ecomuseu – para além da palavra, reflectir sobre os princípios e a acção museal*. In: *Ecomuseu Informação*, EMS, n° 31, Seixal 2004, p.7,8.

FONTES, L.: *Comunitarismo do Barroso*, edição do autor, Montalegre 1977.

MOUTINHO, M.: *Museus e Sociedade*, Museu Etnológico de Monte Redondo, Monte Redondo 1989.

NABAIS, A.: *The development of ecomuseums in Portugal*, In: *Museum*, 1985, n° 148, p.211-216.

PESSOA, F.: *Reflexões sobre ecomuseologia*, Edições Afrontamento, Porto 2001.

STRÁNSKÝ, Z. – STRÁNSKÁ, E.: *Základy studia muzeologie*, Univerzita Mateja Bela, Banská Bystrica, Eslováquia 2000.

TEIXEIRA, M.: *Balanço do Século*, In: Boletim da APOM, III série, Lisboa 2000, p.8-11.

VARINE, H. de: *Testemunhos sobre alguns museus e museólogos locais*, antes da Rede, In: Biletám trimestral da RPM, Lisboa 2003, p.12-15.

WAIDACHER, F.: *Prírucka všeobecnej muzeologie*, Slovenské národné muzeum, Bratislava 1999.